



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.
Lisboa — PORTUGAL
End. teleg. Talhava - Lisboa • Telefone: ?
Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VÓZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UM GRANDE DIA

O SIGNIFICADO DA MANIFESTAÇÃO PROLETÁRIA DE HOJE

A manifestação que o operariado de Lisboa, secundado pelo dos mais importantes centros industriais do país, hoje leva a efeito, servirá a demonstrar aos nossos adversários, que são os milhares, que o espírito dos que trabalham está bem erguido ao alto, não havendo já possibilidade de o acabrunhar, ainda que com esse intuito se mobilizem e armem legiões de inconscientes. Demonstrará ainda que o proletariado organizado, integrado no sindicalismo, confia no seu exclusivo esforço e bem certo está ele que há de ser devido à própria acção que será possível uma transformação social que torne a ingrata existência de hoje numa existência digna de ser vivida.

Da expressão pública e colectiva que os trabalhadores da região portuguesa hoje vão produzir, ainda uma outra ilação há a tirar: a de que confiam, cada vez com mais fé, nos seus organismos de classe, e nem por essas manifestações serem serenas elas deixarão de ser significativas para todos aqueles que sabem auscultar o espírito das massas.

As criaturas que supõem que o mundo do trabalho abandona hoje as oficinas para ir participar dum festa — como se de festas não estivesse o povo saturado! — oporem que ou são inconscientes ou dotadas de má fé. Não. O operariado vai produzir uma afirmação revolucionária, porque não se revoluciona só com armas na mão, mas agitando ideias, preconizando-as.

Marchando sempre

Veem algumas corporações operárias de manter acesa luta com o patronato, tendo parte delas, e das mais numerosas, saído dessa batalha com uma afirmação a mais do seu belo espírito de resistência, que se revelou superior à mais optimista expectativa, e com mais rebeldia na alma por terem sido vencidas em luta lenhados industriais com quem haviam aberto conflito, mas esmagadas não pela resistência daqueles, mas pela força que lhes emprestou o governo, força que, no propósito de render a todo o transe, recorreu a todos os meios de repressão, ainda os mais ignominiosos, meios que foram desde o encerramento dos sindicatos operários até à prisão em massa de muitos grevistas que se encontravam nas cozinhas comunistas e nas praças públicas. E assim, foi possível anular transitoriamente as reclamações operárias.

Podem os escribas que põem só a sua pena, mas também a consciência, ao serviço de quem melhor lhes remunerar o frete, tentar diminuir a grandeza do esforço operário, que não lograria produzir uma afirmação que resista a um exame imparcial e criterioso.

O observador desapaixonado recordará que estarem inativos, durante uma semana, nos ingratos tempos que correm, muitos milhares de trabalhadores, revela já da parte de quem a tal sacrifício se sujeita uma varonil coragem. Porem, levar esse sacrifício além de quatro semanas, trinta dias de inactividade durante os quais o estômago não deixa de impor as suas habituals exigências, em que os filhos não cessam de reclamar pão, em que, finalmente, para resistir, depois de terem ido sucessivamente os móveis e as roupas para o pregó, vão por fim os ferros da própria cama, já desguarnecida de roupas, isto, senhores que nunca conhecestes uma necessidade, isto é alguma coisa de grande, de comovedoramente heróico.

E a verdade — amarga mas confortante verdade — é que isto deve, não apenas em relação a uns, mas a dezenas de operários.

Ora quem, depois ter praticado uns destes; quem após uma peleja tam demorada e aguerrida, regressa ao trabalho, pode ir, e vai certamente, com o coração repleto de fel, mas vai também de fronte alta, porque a consciência lhe diz que tudo sacrificou, tudo jogou — até a própria vida.

A BATALHA

Não se publica amanhã A BATALHA por motivo da comemoração do 1.º de Maio, pelo que se encontram hoje fechados os nossos escritórios.

NA BÉLGICA

O governo belga acorda com Litvinoff o repatriamento dos respectivos nacionais

BRUXELAS, 30.—O ministério dos negócios estrangeiros comunicou que o governo belga se pôz de acordo com Litvinoff para a frota recíproca dos belgas e russos que desejam ser repatriados. — H.

NÃO APOIADO!

OCUTÓRIO DUM INSURRECTO

— * * *

E' possível que os scepticos ou os que fingem se-lo, ao verem que o proletariado não desiste do realizar mais uma vez a sua jornada anual da reivindicação, no intuito de depreciarem semelhante gesto argumentem que se trata de mais uma manifestação de platonismo. A esses objectaremos nós que são fracos observadores e piores psicólogos, porque esquecem que reclamações que há muitos anos vinham sendo feitas pelo proletariado, nos grandes confréries, e que eram consideradas simples aspirações são hoje realidades palpáveis, mercê da intensa propaganda feita e da pressão exercida pela organização da classe dos trabalhadores, em todas as conjunturas.

E assim que uma das mais violentas reclamações proletarianas, a que dizia respeito ao dia normal de 8 horas de trabalho, reclamação que, como muitas outras, era julgada uma utopia, é hoje, quase em todo o mundo, uma realidade incontrovertível e sucedeu assim porque em volta dela se fez uma propaganda das mais persistentes de que há memória, tendo por vezes despertado já do sono em que jazermos: e, dentro em pouco, as cigarras novinhas marrão pôr sob a crosta das terras leves, para ir cantar nos avoredos, em pleno sol, o seu desfumamento estonteante. Em tudo há reverberamento, vitalidade — pode entender-se mesmo vólpia, amor fecundo — e, ainda, reintegração de cada ser e de cada causa no eixo natural e harmônico que lhe compete. Eu subi ontem, minto, anteontem, a calçada de S. Francisco, na hora em que o sol ia mais alto, e quando as vibrações magnéticas do espaço mais se afressuravam; e eis que, a meio caminho daquela ingreme arteria, se me depara este espetáculo raro, e mais que raro, inverosímil, de um guarda republicano humanizado, risonho, bom-rapaz, quase simpático, encostado na esquina dum portal. Diante dele uma criadita, nem bonita nem feia, como soem ser as moças da província, baixota e cheia de curvas ampliadas, mas atraente, apesar de tudo, por mór das graças que a mocidade empresta a todas. Dava-se as mãos, o guarda e a criadita, muito perto um do outro, aspirando-se mutuamente o hálito, e na voz d'ela havia tremeliques de ternura a malmascar uma impaciência afitiva. Ela revelava um permanente sobressalto nervoso, como se uma quadrilha de irrequietos satis a cocegassem; e semearavam as pálpebras, como para evitar que os olhos do outro, fitados nos seus, fossem aperceber toda a sua intimidade fraqueza, toda a sua secreta, impotência para resistir. Estes fortes effusivos da Primavera, que brotam da terra e do céu e são perceptíveis pela vista e pelo olfacto, mais juntavam o par, a pontos que guarda e criadinha, embriagados pela aproximação de Maio, formavam já um só corpo, de tais unidos, no momento em que eu os perdi de vista, ao alto da discreta calçada de S. Francisco. Puz-me depois a pensar que bem poderia a minha voz erguer-se, com plena impunidade, em aclamações subversivas e insurrecionais, mesmo ao pé do infindo guarda republicano, pois este, esquecido do seu papel e fera, tornado homem, duvidado pela impressionante beleza daquele dia esplendoroso, nem por sombras se lembraria de que a lei o munira dum aço espesso, e que a sua missão consistia em bater e assassinar. Devidamente, o primeiro de Maio é bem

um dia solenemente festivo. E porque não o festejamos nós, dum a maneira magnífica, numa universal comunhão de amizade? Porque enquanto a natureza se cobre de galas, os homens cobrem-se de sangue. Porque à limpidez do céu de Primavera andam ligadas as máculas das grandes crimes da humanidade. Porque o primeiro de Maio traz-nos ainda à memória o trágico espectáculo de oito forças eretas, cada uma das suas suspendingo um cadáver. E' por isso que, neste dia primeiro de Maio, solenemente festivo, que hoje decorre, enquanto a natureza inteira ri, meia-muñaudade chora e se confrange. Mas eu creio absolutamente que o primeiro de Maio não tardará a assumir o seu cíngulo cunho festivo, para que todos os homens, irmados e felizes já então, possam nesse dia contemplar enleyadamente a suprema beleza do céu e do sol — mesmo através dos olhos dum guarda republicano, pois este, esquecido do seu papel e fera, tornado homem, duvidado pela impressionante beleza daquele dia esplendoroso, nem por sombras se lembraria de que a lei o munira dum aço espesso, e que a sua missão consistia em bater e assassinar. Devidamente, o primeiro de Maio é bem

um dia solenemente festivo. E porque não o festejamos nós, dum a maneira magnífica, numa universal comunhão de amizade? Porque enquanto a natureza se cobre de galas, os homens cobrem-se de sangue. Porque à limpidez do céu de Primavera andam ligadas as máculas das grandes crimes da humanidade. Porque o primeiro de Maio traz-nos ainda à memória o trágico espectáculo de oito forças eretas, cada uma das suas suspendingo um cadáver. E' por isso que, neste dia primeiro de Maio, solenemente festivo, que hoje decorre, enquanto a natureza inteira ri, meia-muñaudade chora e se confrange. Mas eu creio absolutamente que o primeiro de Maio não tardará a assumir o seu cíngulo cunho festivo, para que todos os homens, irmados e felizes já então, possam nesse dia contemplar enleyadamente a suprema beleza do céu e do sol — mesmo através dos olhos dum guarda republicano, pois este, esquecido do seu papel e fera, tornado homem, duvidado pela impressionante beleza daquele dia esplendoroso, nem por sombras se lembraria de que a lei o munira dum aço espesso, e que a sua missão consistia em bater e assassinar. Devidamente, o primeiro de Maio é bem

um dia solenemente festivo. E porque não o festejamos nós, dum a maneira magnífica, numa universal comunhão de amizade? Porque enquanto a natureza se cobre de galas, os homens cobrem-se de sangue. Porque à limpidez do céu de Primavera andam ligadas as máculas das grandes crimes da humanidade. Porque o primeiro de Maio traz-nos ainda à memória o trágico espectáculo de oito forças eretas, cada uma das suas suspendingo um cadáver. E' por isso que, neste dia primeiro de Maio, solenemente festivo, que hoje decorre, enquanto a natureza inteira ri, meia-muñaudade chora e se confrange. Mas eu creio absolutamente que o primeiro de Maio não tardará a assumir o seu cíngulo cunho festivo, para que todos os homens, irmados e felizes já então, possam nesse dia contemplar enleyadamente a suprema beleza do céu e do sol — mesmo através dos olhos dum guarda republicano, pois este, esquecido do seu papel e fera, tornado homem, duvidado pela impressionante beleza daquele dia esplendoroso, nem por sombras se lembraria de que a lei o munira dum aço espesso, e que a sua missão consistia em bater e assassinar. Devidamente, o primeiro de Maio é bem

um dia solenemente festivo. E porque não o festejamos nós, dum a maneira magnífica, numa universal comunhão de amizade? Porque enquanto a natureza se cobre de galas, os homens cobrem-se de sangue. Porque à limpidez do céu de Primavera andam ligadas as máculas das grandes crimes da humanidade. Porque o primeiro de Maio traz-nos ainda à memória o trágico espectáculo de oito forças eretas, cada uma das suas suspendingo um cadáver. E' por isso que, neste dia primeiro de Maio, solenemente festivo, que hoje decorre, enquanto a natureza inteira ri, meia-muñaudade chora e se confrange. Mas eu creio absolutamente que o primeiro de Maio não tardará a assumir o seu cíngulo cunho festivo, para que todos os homens, irmados e felizes já então, possam nesse dia contemplar enleyadamente a suprema beleza do céu e do sol — mesmo através dos olhos dum guarda republicano, pois este, esquecido do seu papel e fera, tornado homem, duvidado pela impressionante beleza daquele dia esplendoroso, nem por sombras se lembraria de que a lei o munira dum aço espesso, e que a sua missão consistia em bater e assassinar. Devidamente, o primeiro de Maio é bem

um dia solenemente festivo. E porque não o festejamos nós, dum a maneira magnífica, numa universal comunhão de amizade? Porque enquanto a natureza se cobre de galas, os homens cobrem-se de sangue. Porque à limpidez do céu de Primavera andam ligadas as máculas das grandes crimes da humanidade. Porque o primeiro de Maio traz-nos ainda à memória o trágico espectáculo de oito forças eretas, cada uma das suas suspendingo um cadáver. E' por isso que, neste dia primeiro de Maio, solenemente festivo, que hoje decorre, enquanto a natureza inteira ri, meia-muñaudade chora e se confrange. Mas eu creio absolutamente que o primeiro de Maio não tardará a assumir o seu cíngulo cunho festivo, para que todos os homens, irmados e felizes já então, possam nesse dia contemplar enleyadamente a suprema beleza do céu e do sol — mesmo através dos olhos dum guarda republicano, pois este, esquecido do seu papel e fera, tornado homem, duvidado pela impressionante beleza daquele dia esplendoroso, nem por sombras se lembraria de que a lei o munira dum aço espesso, e que a sua missão consistia em bater e assassinar. Devidamente, o primeiro de Maio é bem

um dia solenemente festivo. E porque não o festejamos nós, dum a maneira magnífica, numa universal comunhão de amizade? Porque enquanto a natureza se cobre de galas, os homens cobrem-se de sangue. Porque à limpidez do céu de Primavera andam ligadas as máculas das grandes crimes da humanidade. Porque o primeiro de Maio traz-nos ainda à memória o trágico espectáculo de oito forças eretas, cada uma das suas suspendingo um cadáver. E' por isso que, neste dia primeiro de Maio, solenemente festivo, que hoje decorre, enquanto a natureza inteira ri, meia-muñaudade chora e se confrange. Mas eu creio absolutamente que o primeiro de Maio não tardará a assumir o seu cíngulo cunho festivo, para que todos os homens, irmados e felizes já então, possam nesse dia contemplar enleyadamente a suprema beleza do céu e do sol — mesmo através dos olhos dum guarda republicano, pois este, esquecido do seu papel e fera, tornado homem, duvidado pela impressionante beleza daquele dia esplendoroso, nem por sombras se lembraria de que a lei o munira dum aço espesso, e que a sua missão consistia em bater e assassinar. Devidamente, o primeiro de Maio é bem

um dia solenemente festivo. E porque não o festejamos nós, dum a maneira magnífica, numa universal comunhão de amizade? Porque enquanto a natureza se cobre de galas, os homens cobrem-se de sangue. Porque à limpidez do céu de Primavera andam ligadas as máculas das grandes crimes da humanidade. Porque o primeiro de Maio traz-nos ainda à memória o trágico espectáculo de oito forças eretas, cada uma das suas suspendingo um cadáver. E' por isso que, neste dia primeiro de Maio, solenemente festivo, que hoje decorre, enquanto a natureza inteira ri, meia-muñaudade chora e se confrange. Mas eu creio absolutamente que o primeiro de Maio não tardará a assumir o seu cíngulo cunho festivo, para que todos os homens, irmados e felizes já então, possam nesse dia contemplar enleyadamente a suprema beleza do céu e do sol — mesmo através dos olhos dum guarda republicano, pois este, esquecido do seu papel e fera, tornado homem, duvidado pela impressionante beleza daquele dia esplendoroso, nem por sombras se lembraria de que a lei o munira dum aço espesso, e que a sua missão consistia em bater e assassinar. Devidamente, o primeiro de Maio é bem

um dia solenemente festivo. E porque não o festejamos nós, dum a maneira magnífica, numa universal comunhão de amizade? Porque enquanto a natureza se cobre de galas, os homens cobrem-se de sangue. Porque à limpidez do céu de Primavera andam ligadas as máculas das grandes crimes da humanidade. Porque o primeiro de Maio traz-nos ainda à memória o trágico espectáculo de oito forças eretas, cada uma das suas suspendingo um cadáver. E' por isso que, neste dia primeiro de Maio, solenemente festivo, que hoje decorre, enquanto a natureza inteira ri, meia-muñaudade chora e se confrange. Mas eu creio absolutamente que o primeiro de Maio não tardará a assumir o seu cíngulo cunho festivo, para que todos os homens, irmados e felizes já então, possam nesse dia contemplar enleyadamente a suprema beleza do céu e do sol — mesmo através dos olhos dum guarda republicano, pois este, esquecido do seu papel e fera, tornado homem, duvidado pela impressionante beleza daquele dia esplendoroso, nem por sombras se lembraria de que a lei o munira dum aço espesso, e que a sua missão consistia em bater e assassinar. Devidamente, o primeiro de Maio é bem

um dia solenemente festivo. E porque não o festejamos nós, dum a maneira magnífica, numa universal comunhão de amizade? Porque enquanto a natureza se cobre de galas, os homens cobrem-se de sangue. Porque à limpidez do céu de Primavera andam ligadas as máculas das grandes crimes da humanidade. Porque o primeiro de Maio traz-nos ainda à memória o trágico espectáculo de oito forças eretas, cada uma das suas suspendingo um cadáver. E' por isso que, neste dia primeiro de Maio, solenemente festivo, que hoje decorre, enquanto a natureza inteira ri, meia-muñaudade chora e se confrange. Mas eu creio absolutamente que o primeiro de Maio não tardará a assumir o seu cíngulo cunho festivo, para que todos os homens, irmados e felizes já então, possam nesse dia contemplar enleyadamente a suprema beleza do céu e do sol — mesmo através dos olhos dum guarda republicano, pois este, esquecido do seu papel e fera, tornado homem, duvidado pela impressionante beleza daquele dia esplendoroso, nem por sombras se lembraria de que a lei o munira dum aço espesso, e que a sua missão consistia em bater e assassinar. Devidamente, o primeiro de Maio é bem

um dia solenemente festivo. E porque não o festejamos nós, dum a maneira magnífica, numa universal comunhão de amizade? Porque enquanto a natureza se cobre de galas, os homens cobrem-se de sangue. Porque à limpidez do céu de Primavera andam ligadas as máculas das grandes crimes da humanidade. Porque o primeiro de Maio traz-nos ainda à memória o trágico espectáculo de oito forças eretas, cada uma das suas suspendingo um cadáver. E' por isso que, neste dia primeiro de Maio, solenemente festivo, que hoje decorre, enquanto a natureza inteira ri, meia-muñaudade chora e se confrange. Mas eu creio absolutamente que o primeiro de Maio não tardará a assumir o seu cíngulo cunho festivo, para que todos os homens, irmados e felizes já então, possam nesse dia contemplar enleyadamente a suprema beleza do céu e do sol — mesmo através dos olhos dum guarda republicano, pois este, esquecido do seu papel e fera, tornado homem, duvidado pela impressionante beleza daquele dia esplendoroso, nem por sombras se lembraria de que a lei o munira dum aço espesso, e que a sua missão consistia em bater e assassinar. Devidamente, o primeiro de Maio é bem

um dia solenemente festivo. E porque não o festejamos nós, dum a maneira magnífica, numa universal comunhão de amizade? Porque enquanto a natureza se cobre de galas, os homens cobrem-se de sangue. Porque à limpidez do céu de Primavera andam ligadas as máculas das grandes crimes da humanidade. Porque o primeiro de Maio traz-nos ainda à memória o trágico espectáculo de oito forças eretas, cada uma das suas suspendingo um cadáver. E' por isso que, neste dia primeiro de Maio, solenemente festivo, que hoje decorre, enquanto a natureza inteira ri, meia-muñaudade chora e se confrange. Mas eu creio absolutamente que o primeiro de Maio não tardará a assumir o seu cíngulo cunho festivo, para que todos os homens, irmados e felizes já então, possam nesse dia contemplar enleyadamente a suprema beleza do céu e do sol — mesmo através dos olhos dum guarda republicano, pois este, esquecido do seu papel e fera, tornado homem, duvidado pela impressionante beleza daquele dia esplendoroso, nem por sombras se lembraria de que a lei o munira dum aço espesso, e que a sua missão consistia em bater e assassinar. Devidamente, o primeiro de Maio é bem

um dia solenemente festivo. E porque não o festejamos nós, dum a maneira magnífica, numa universal comunhão de amizade? Porque enquanto a natureza se cobre de galas, os homens cobrem-se de sangue. Porque à limpidez do céu de Primavera andam ligadas as máculas das grandes crimes da humanidade. Porque o primeiro de Maio traz-nos ainda à memória o trágico espectáculo de oito forças eretas, cada uma das suas suspendingo um cadáver. E' por isso que, neste dia primeiro de Maio, solenemente festivo, que hoje decorre, enquanto a natureza inteira ri, meia-muñaudade chora e se confrange. Mas eu creio absolutamente que o primeiro de Maio não tardará a assumir o seu cíngulo cunho festivo, para que todos os homens, irmados e felizes já então, possam nesse dia contemplar enleyadamente a suprema beleza do céu e do sol — mesmo através dos olhos dum guarda republicano, pois este, esquecido do seu papel e fera, tornado homem, duvidado pela impressionante beleza daquele dia esplendoroso, nem por sombras se lembraria de que a lei o munira dum aço espesso, e que a sua missão consistia em bater e assassinar. Devidamente, o primeiro de Maio é bem

um dia solenemente festivo. E porque não o festejamos nós, dum a maneira magnífica, numa universal comunhão de amizade? Porque enquanto a natureza se cobre de galas, os homens cobrem-se de sangue. Porque à limpidez do céu de Primavera andam ligadas as máculas das grandes crimes da humanidade. Porque o primeiro de Maio traz-nos ainda à memória o trágico espectáculo de oito forças eretas, cada uma das suas suspendingo um cadáver. E' por isso que, neste dia primeiro de Maio, solenemente festivo, que hoje decorre, enquanto a natureza inteira ri, meia-muñaudade chora e se confrange. Mas eu creio absolutamente que o primeiro de Maio não tardará a assumir o seu cíngulo cun

Primeiro de Maio

Ali, naquele recanto do jardim público, enquanto futuro, seu irmãozinho de dois anos, com as suas mimosinhas inexperientes ia fazendo e desfazendo pequenos montes de terra, Graciosa impacientava-se; cada minuto que decorria parecia-lhe uma eternidade.

E' sempre assim quando se espera; a impaciência, de mistura muitas vezes com a dúvida sobre a dedicação da pessoa por que se espera, ou como o receio de que lhe tenha sucedido alguma infelicidade, assaltam-nos o espírito com muita frequência; mas quando o amor torna parte integrante nessa impaciência, todas essas dividas, todos esses receios, se avolumam, tomam proporções estranhas.

Graciosa passava por todas as graduações da impaciência, a sombra da dúvida passou rápida, ligeiramente, pelo seu pensamento, mas o temor de que tivesse sucedido alguma fatalidade, esse desenvolveu-se, ao mesmo tempo que uma voz secreta, a da grande ressaca de confiança que possui o coração humano, a esperança, lhe sedegava que o seu amado viria, que dentro de breves instantes ele surgiria sorrindo-lhe como sempre, e então a sua presença alugentaria do seu espírito aqueles negros presentimentos, que tanto a faziam sofrer, e imporia um pouco de serenidade à sua alma que sentia um apetecido desejo de compartilhar com ele uma vida de amor e de paz. A demora de Octávio inquietava-a. Era a primeira vez que tal acontecia, ela chegar em primeiro lugar.

Filha da cidade, como o seu noivo, extremamente situativa, não sendo formosa, de olhos negros e meigos, morena, delicada de talhe e de maneiras, era como que uma flor simples e minúscula, sem a fragrância e o colorido das flores de jardim; é certo, mas possuindo o encanto das singelas flores do campo, que matizavam os prados e as casas, pôem, na amplidão agreste dos vales, na profundeza melancólica dos vales, uma nota sorriente e doce.

Era muito estimada pela visinharia, que lamentava sinceramente aquela sua paixão por Octávio, que sem motivo era mal visto, não porque ele fosse mau rapaz, pois que era um filho extremosum, bonito, um companheiro e amigo lial e dedicado, trabalhador infatigável pelo pão do estômago e do espírito, mas porque tinha muitas ideias terríveis de transformação social, queria que todos fossem bons e felizes, uma coisa impossível, que representava a destruição do mundo que fôra criado para prazer de uns, os ricos, e para sofrimentos de outros, os pobres.

Assim pensava a gente da rua da Graciosa, a respeito de Octávio, operário electricista, militante ativo e inteligent: da sua classe, abrazando em amor e fé pela santa causa da emancipação humana, e que a honrava com a sua palavra e com o seu procedimento. Sendo um amante fervoroso da liberdade, ele, pela sua soberana força de vontade, subjugava e vencia as forças acanhadas do passado, que impunham como um estigma sobre a alma humana, guiando-a torpemente pelo tortuoso e perverso caminho do vício nocivo ao espírito e ao corpo, fazendo marchar o homem nas trevas da ignorância que, quando não conduzem ao crime, deixam o ser humano amarrado à grijeta da escravidão social e económica.

Uma parte daquela animosidade, que nem aos bons sentimentos, nem aos modos correctos de Octávio parecia querer ceder, era devido ao seu aspecto um tanto grave e taciturno, em que se reflectia a muita dedicação e o grande sofrimento que lhe inspirava a situação miserável do povo.

Os seus olhos castanhos eram dum franzisco rude, mas não agressiva, o rosto comprido e macilento mantinha ordinariamente uma expressão serena, rara vez se iluminava dum completa alegria, os motivos de tristeza sobrejavam nêle as passageiras razões de contentamento.

A gente ignorante julgava ver nos traços um tanto duros da sua fisionomia, as asperezas dum alma cheia de rancor e de inveja. A ignorância, a estupidez, todo o avançamento da sua moralizada e viciosa, não lhes deixavam le na fisionomia de Octávio que o que parecia exprimir uma dureza de sentimentos, era pura e simplesmente manifestação flagrante do seu grande carácter digno e firme, que sendo capaz da generosidade imaculada dum ariano, tinha rasgos varonil e decididos do lutador que é incapaz de uma indignidade para vencer ou de pedir perdão ao caír ferido e materialmente derrotado.

E assim, as vizinhas de Graciosa, juntando a tristeza do semblante de Octávio às ideias que ele prodigamente se-mava, faziam dele um ser perverso, que fascinava a pobre donzela, que iria passar com elle uma vida de inenarráveis torturas morais e físicas, porque, sem quase darem por isso, faziam reflectir nos outros a sua vida de crápula e de sofrimento, poiso não podiam conceber que um homem com tal aspecto e com tais ideias fôsse melhor que os seus maridos, criaturas evitadas dos peões e preconceitos.

Elas desconheciam os lesores de bondade que estavam ocultos no peito de Octávio, e mesmo se os conseguiram não os compreenderiam. Só as almas irmãs se compreendem e completam.

Ouviram-nos passos. Graciosa coincideu-os, eram deles. O coração palpita-lhe com mais força, um tremor estranho apousou-se do seu ser e um frio exquisito e um calor confortante percorriam-lhe todo o corpo. Parecia que tinha febre.

Comovida e ansiosa, fixava o ponto do jardim de onde Octávio devia surgi. Pouco tempo esperou, num alvoroço juvenil; ruborizando-se, esperou-o namorado que, sorridente, vinha já na volta dum canteiro orlado de miosotis.

— Esperaste muito tempo, não é verdade? Tem paciência! — disse Octávio, apertando na sua a mão trêmula e macia de Graciosa.

— O' não, cheguei já bocadinho, mas os minutos pareciam-me horas.

Octávio beijou e acariciou o pequeno Futeiro, depois de que se dirigiu à sua amada explicando as razões da sua demora.

Ficaram por segundos contemplan-

-do-se, sem atenderem aos gritos do perquero que batendo com as palmas das maositas sobre o asento dum banco, dizia para Octávio:

— Sen-ta-te, senta-te meu amigo.

O garotelho traquinias convidava-sos a sentarem-se, pois queria saltar para os joelhos de Octávio, para executar as suas cabriolas e receber os afagos do seu amigo, em cujos braços muitas vezes adormecia.

Mas eles estavam muito elevados nas suas explicações, e Futeiro decidiu-se a voltar a brincar com as pedrinhas e com terra do jardim.

Por fim sentaram-se, e a data daquele dia, o 1.º de Maio, cujas manifestações comemorativas da classe operária deram motivo à demora de Octávio, foi tema da sua conversação daquela tarde.

Sim, os trabalhadores foram muito felizes ao escolherem o dia 1.º de Maio para celebrar a sua festa. E' um mês lindo, as flores ostentam-se com todo o seu colorido e aroma, o sol é belo, e parece-nos que tudo que nos rodeia nos dá mais vida e alegria, dizia Graciosa, fitando com docura os seus olhos no seu distante como namor.

Octávio sorriu tristemente e atalhou: — Enganaste, minha querida. Nenhuma dessas belas coisas influem no ânimo dos proletários; nem é disso é para nós, que pensamos e que sentimos, considerado dia de festa.

— Não! Sempre ouvi dizer que era a festa do trabalho.

Não, minha boa Graciosa. Esse dia para nós, os revolucionários conscientes, uma recordação bem dolorosa. As flores que viciaram nessa data memorável são as flores do martírio, uma lamen-

te que grande alma, um verdadeiro herói; o seu nome jamais me esquecerá.

— Interrompe Graciosa, com os olhos arvorados pelas lágrimas da mais sincera comôrcia.

Os acusados foram os únicos que se portaram com valentia e dignidade. Os seus últimos discursos são repassados da diâna energia, duma fé e dum amor pelas ideas anarquistas que a gente se sente pequena ante a grandeza moral daqueles homens condenados à morte e à prisão perpétua. O julgamento interessou a opinião pública, levando ao tribunal pessoas de todas as categorias sociais. Foi assim que, a menina Nina Van Zandt, descendente de família rica e distinta, e outra jovem formosa e elegante, Eda Muller, conheceram os acusados, apaixonando-se a primeira por Spies, com quem mais tarde se casou para podê-lo visitar, e a segunda por Luis Ling, que dizem era o mais esbusto de todos os acusados.

— Só pela força é que se consegue desfazer alguma coisa, — exclamou Graciosa.

— Os operários tratarão de fortificá-la a sua organização e de orientar a sua propaganda, resolvendo, visto que as greves parciais pouco ou nenhum resultado davam, lançar a ideia da greve geral, que se declararia no dia 1.º de Maio de 1886.

— Iá já tantos anos! Já nesse tempo se pensava assim!

— E' verdade, há trinta e quatro anos.

Ainda não éramos nascidos! Os patrões perseguiam os operários, despedindo-os as centenas, porque se recusavam a abandonar as associações; por esse motivo deram-se até graves confrontos entre uns e outros. No dia marcado estalou a greve geral, que se manteve e generalizou com certa rapidez, começando os patrões a ceder; o que era um verdadeiro triunfo para a causa do trabalho, que vencia em toda a linha, apesar da intervenção brutal da polícia em várias reuniões operárias.

— Sempre os mesmos cães, em toda a parte.

— Mas nem todos os trabalhadores compreenderam o seu dever, dando origem aos muitos protestos dos seus camaradas e concorrendo assim para uma maior extalação dos espíritos que, a altitude da polícia fazendo fogo sobre a multidão, que assistia a um comício no dia 3, matando seis pessoas e ferindo grande número de reus, acabou por levar ao rubro.

— Que horror, que monstruosidade!

— Não houve alguém que erguesse o seu braço e o fizesse cair com todo o peso da sua indignação justiça sobre a pena desses assassinos!

— Sim, alguém se levantou, foram os trabalhadores de todo o mundo, que, parece, ainda guindados pelas vozes dos grandes mártires de Chicago, nunca mais deixaram um minuto de descanso para chegarmos ao grande dia em que um sol de paz e de felicidade se abriga sobre a multidão, que assistiu a um comício no dia 3, matando seis pessoas e ferindo grande número de reus, acabou por levar ao rubro.

— Que horror, que monstruosidade!

— Não houve alguém que erguesse o seu braço e o fizesse cair com todo o peso da sua indignação justiça sobre a pena desses assassinos!

— Sim, alguém se levantou, foram os trabalhadores de todo o mundo, que, parece, ainda guindados pelas vozes dos grandes mártires de Chicago, nunca mais deixaram um minuto de descanso para chegarmos ao grande dia em que um sol de paz e de felicidade se abriga sobre a multidão, que assistiu a um comício no dia 3, matando seis pessoas e ferindo grande número de reus, acabou por levar ao rubro.

— Que horror, que monstruosidade!

— Não houve alguém que erguesse o seu braço e o fizesse cair com todo o peso da sua indignação justiça sobre a pena desses assassinos!

— Sim, alguém se levantou, foram os trabalhadores de todo o mundo, que, parece, ainda guindados pelas vozes dos grandes mártires de Chicago, nunca mais deixaram um minuto de descanso para chegarmos ao grande dia em que um sol de paz e de felicidade se abriga sobre a multidão, que assistiu a um comício no dia 3, matando seis pessoas e ferindo grande número de reus, acabou por levar ao rubro.

— Que horror, que monstruosidade!

— Não houve alguém que erguesse o seu braço e o fizesse cair com todo o peso da sua indignação justiça sobre a pena desses assassinos!

— Sim, alguém se levantou, foram os trabalhadores de todo o mundo, que, parece, ainda guindados pelas vozes dos grandes mártires de Chicago, nunca mais deixaram um minuto de descanso para chegarmos ao grande dia em que um sol de paz e de felicidade se abriga sobre a multidão, que assistiu a um comício no dia 3, matando seis pessoas e ferindo grande número de reus, acabou por levar ao rubro.

— Que horror, que monstruosidade!

— Não houve alguém que erguesse o seu braço e o fizesse cair com todo o peso da sua indignação justiça sobre a pena desses assassinos!

— Sim, alguém se levantou, foram os trabalhadores de todo o mundo, que, parece, ainda guindados pelas vozes dos grandes mártires de Chicago, nunca mais deixaram um minuto de descanso para chegarmos ao grande dia em que um sol de paz e de felicidade se abriga sobre a multidão, que assistiu a um comício no dia 3, matando seis pessoas e ferindo grande número de reus, acabou por levar ao rubro.

— Que horror, que monstruosidade!

— Não houve alguém que erguesse o seu braço e o fizesse cair com todo o peso da sua indignação justiça sobre a pena desses assassinos!

— Sim, alguém se levantou, foram os trabalhadores de todo o mundo, que, parece, ainda guindados pelas vozes dos grandes mártires de Chicago, nunca mais deixaram um minuto de descanso para chegarmos ao grande dia em que um sol de paz e de felicidade se abriga sobre a multidão, que assistiu a um comício no dia 3, matando seis pessoas e ferindo grande número de reus, acabou por levar ao rubro.

— Que horror, que monstruosidade!

— Não houve alguém que erguesse o seu braço e o fizesse cair com todo o peso da sua indignação justiça sobre a pena desses assassinos!

— Sim, alguém se levantou, foram os trabalhadores de todo o mundo, que, parece, ainda guindados pelas vozes dos grandes mártires de Chicago, nunca mais deixaram um minuto de descanso para chegarmos ao grande dia em que um sol de paz e de felicidade se abriga sobre a multidão, que assistiu a um comício no dia 3, matando seis pessoas e ferindo grande número de reus, acabou por levar ao rubro.

— Que horror, que monstruosidade!

— Não houve alguém que erguesse o seu braço e o fizesse cair com todo o peso da sua indignação justiça sobre a pena desses assassinos!

— Sim, alguém se levantou, foram os trabalhadores de todo o mundo, que, parece, ainda guindados pelas vozes dos grandes mártires de Chicago, nunca mais deixaram um minuto de descanso para chegarmos ao grande dia em que um sol de paz e de felicidade se abriga sobre a multidão, que assistiu a um comício no dia 3, matando seis pessoas e ferindo grande número de reus, acabou por levar ao rubro.

— Que horror, que monstruosidade!

— Não houve alguém que erguesse o seu braço e o fizesse cair com todo o peso da sua indignação justiça sobre a pena desses assassinos!

— Sim, alguém se levantou, foram os trabalhadores de todo o mundo, que, parece, ainda guindados pelas vozes dos grandes mártires de Chicago, nunca mais deixaram um minuto de descanso para chegarmos ao grande dia em que um sol de paz e de felicidade se abriga sobre a multidão, que assistiu a um comício no dia 3, matando seis pessoas e ferindo grande número de reus, acabou por levar ao rubro.

— Que horror, que monstruosidade!

— Não houve alguém que erguesse o seu braço e o fizesse cair com todo o peso da sua indignação justiça sobre a pena desses assassinos!

— Sim, alguém se levantou, foram os trabalhadores de todo o mundo, que, parece, ainda guindados pelas vozes dos grandes mártires de Chicago, nunca mais deixaram um minuto de descanso para chegarmos ao grande dia em que um sol de paz e de felicidade se abriga sobre a multidão, que assistiu a um comício no dia 3, matando seis pessoas e ferindo grande número de reus, acabou por levar ao rubro.

— Que horror, que monstruosidade!

— Não houve alguém que erguesse o seu braço e o fizesse cair com todo o peso da sua indignação justiça sobre a pena desses assassinos!

— Sim, alguém se levantou, foram os trabalhadores de todo o mundo, que, parece, ainda guindados pelas vozes dos grandes mártires de Chicago, nunca mais deixaram um minuto de descanso para chegarmos ao grande dia em que um sol de paz e de felicidade se abriga sobre a multidão, que assistiu a um comício no dia 3, matando seis pessoas e ferindo grande número de reus, acabou por levar ao rubro.

— Que horror, que monstruosidade!

— Não houve alguém que erguesse o seu braço e o fizesse cair com todo o peso da sua indignação justiça sobre a pena desses assassinos!

— Sim, alguém se levantou, foram os trabalhadores de todo o mundo, que, parece, ainda guindados pelas vozes dos grandes mártires de Chicago, nunca mais deixaram um minuto de descanso para chegarmos ao grande dia em que um sol de paz e de felicidade se abriga sobre a multidão, que assistiu a um comício no dia 3, matando seis pessoas e ferindo grande número de reus, acabou por levar ao rubro.

— Que horror, que monstruosidade!

— Não houve alguém que erguesse o seu braço e o fizesse cair com todo o peso da sua indignação justiça sobre a pena desses assassinos!

— Sim, alguém se levantou, foram os trabalhadores de todo o mundo, que, parece, ainda guindados pelas vozes dos grandes mártires de Chicago, nunca mais deixaram um minuto de descanso para chegarmos ao grande dia em que um sol de paz e de felicidade se abriga sobre a multidão, que assistiu a um comício no dia 3, matando seis pessoas e ferindo grande número de reus, acabou por levar ao rubro.

— Que horror, que monstruosidade!

— Não houve alguém que erguesse o seu braço e o fizesse cair com todo o peso da sua indignação justiça sobre a pena desses assassinos!

— Sim, alguém se levantou, foram os trabalhadores de todo o mundo, que, parece, ainda guindados pelas vozes dos grandes mártires de Chicago, nunca mais deixaram um minuto de descanso para chegarmos ao grande dia em que um sol de paz e de felicidade se abriga sobre a multidão, que assistiu a um comício no dia 3, matando seis pessoas e ferindo grande número de reus, acabou por levar ao rubro.

— Que horror, que monstruosidade!

— Não houve alguém que erguesse o seu braço e o fizesse cair com todo o peso da sua indign

ABATALHA

ONTOS DE «A BATALHA»

O homem do torno

Era assim que o conheciam em toda a sua e, valha a verdade, existia nessa designação uma acerada escolha.

O carácter, toda a configuração daquele homem quase a dobrar os cíngueta, seria bem difícil de explicar, se o separasse daquele detalhe profissional em que, como uma importante função fisiológica, toda a sua vida se concentrava.

Ele amava aquela geringonça que fazia mover com o pé, com um carinho, com uma persistência verdadeiramente paternal. De noite, quando o sono não era interrompido com o sonhar alto, em que deixava escapar todas as preocupações pelo trabalho, eram longas expectativas, saltos bruscos a consultar o relógio, até que as cinco da manhã levantava-se, e, sem cansaco, lançava-se a dar forma a uns pedaços de madeira, que, apertados na buxa, se desfaziam em apertos minutas e retorcidas. A's ten e meia, almoçava a correr, às oito abalava a correr para o Arsenal; ao meio dia voltava para jantar, e, enquanto o comece fumegava no prato, o torno roçava-lhe metade do tempo, que aos outros não chegava quase para mastigar a refeição.

A tarde, a pelas cinco e meia, chegava a casa, e enquanto a ceia o não chamava para a cozinha, era ainda o torno que o entrelinha um bom bocado, e só pelas dez da noite achava que tinha terminado a tarefa daquele dia. Durava isto assim há muitos anos, que o sr. Bernardo não era homem para descansar. Nada, que isso acarretava doçuras, e era assim que ele era um homem rijo e que nunca conhecerá sequer uma dor de dentes.

Já assim não sucedia com a senhora Francisca, a «mulher do torno», como também era conhecida. Subitamente deixavam-na de ver na chaminé, ou desaparecia sobre o alguidor de zinco, lanhando a roupa. Procuravam-na, e num quarto escuro, avançavam com as resmas da petizada, ouviam a respiração ruim de um corpo contorcendo-se, ou gorgolejar de alguém vomitando, ou a agitação abafada de uma alma esfarrapada pela dor. Era ela. Para ali estava todo o dia, amarfanhando-se vestida, ou semi-desnudada, indiferente às cores e gritos da ninhada de filhos, que travavam batalhas com os bancos da rosinha.

A tarde chegava o marido, e era nana beraria naquela casa, porque não estava a ceia pronta, porque não se arranjaria isto, porque não se fizera aquilo, tudo acompanhado de passadas ruimoidas, em que tombava sempre algum banco, ou era a mesa arrachada da parede com um encontro. Um dos pequenos balbuciava que a mãe estava deitada, chorára, e que não saía do quarto em todo o dia. O sr. Bernardo, arrepiadíssimo, inquiria:

— Mas que tem ela?... Já lhe deram o chão?

Penetrava no quarto, e, quase sem a ver, escuras, informava-se:

— O costume, não?...

E como ela não respondesse, continuava:

Afinal... Podes ou não podes vir fazer a ceia?... Sim, que eu não estou para mandar vir comer da taberna com uma mulher em casa... Agora, se não podes é outra coisa... Chama-se a mulherinha do lado, dás-lhe a guincha e ela despacha isto num instante... E resolve... Eu é que não posso ir fazer a ceia, e meter essa gente a caminhar. Se querem que eu deixe de ir para o torno, então é outra coisa...

Retirava-se, as apalpadelas, mandava por uma vela no quarto, e dali a pouco ovia-se o estrípido do torno, enquadrado na murmurando:

— Sempre doentes... Sempre deitados... Só eu é que não adoeço um dia, para meter isto nos eixos. Quando a loma entra na sua casa, então eu querer ver, sim, eu querer ver...

Esta cena repetia-se anuidades vezes, e já ninguém com ela se preocupava, porque terminava invariavelmente assim: Dali a um bocado, a senhora Francisca aparecia na cozinha, apoiando-se as paredes, à mesa, encostava a cabeça ao umbral da chaminé, e, silenciosamente, deitava os pequenos, sem que uma única vez o fizessem sem terremoto o estômago aconchegado.

— ora é esta uma grande doença, enchia a sr. Bernardo.

E, como sempre depois de cear, o torno absorvia-o até as dez ou onze horas da noite.

* * *

A senhora Francisca emmagrecia a olhos vistos. Na tenda, no lugar da horinha, e naquinhos outros encontros com amigos conhecimentos, todos a lamentavam, admovendo-a que não se deixasse morrer. Era uma desgraça, com uma casa de filhos como ela tinha. Se calhar, era mesmo disso, mas que não fosse tola... Era precisamente tanto quanto ensinava. Una mulher daquela idade!

Havia risos, mas todos se condonavam com o seu calvário. Aminhar sete filhos...

Algumas rosnavam que o marido gadeava bem, e que poderia chamar alguém, uma mulher a dia para ajudar. Assim não podia ser; era matá-la a fogo lento. Ao menos fôsse a um médico...

— Oh!... — dizia ela, os médicos não curam relações... Dão-me alguma que ainda me faz pior.

E retirava-se resignada, deixando às vezes escapar um longo suspiro.

— Coitada!...

Dizinhinha ninguém a lamentava. A senhora Francisca era uma desleixada. Todos os dias bem ouviam o marido ralhar. A culpa não era dele, não... Ele não era mau homem. Bem sentiam o teatro e o sobrado estremecer com o rodar do torno, naquelas madrugadas gloriosas. Logo, era ela... Ela que era madraca e queria que o marido também o fôsse... Nas alterações violentas, ele explicava-se bem:

— Tu o que queres é que eu acabe com o torno, não é?... Eu é que dia a dia a vontade... Se os fapões morrem de fome, não é por minha culpa...

A resposta dela nunca se ouvia, e era assim que só a voz dele dominava a simplicidade da vizinhança e ninguém compreendia o que a senhora Francisca queria dizer quando murmurava:

— Aquela torno ainda há de frazer a casa dos filhos, de tudo, de tudo que a cercava.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal.
Em virtude de ter já sido impresso tarde o número de *O Gráfico*, comemorativo do 1.º de Maio, e não podendo ser distribuído a todos os federados como se desejava, podem estes procurá-lo hoje na sede da Federação.

O secretariado, agradecendo a forma como o patronato está procedendo, criando uma crise artificial para assim conseguir baixar os salários estabelecidos no acordo ultimamente firmado, resolveu convocar as classes gráficas a uma reunião magna, que deve realizar-se na próxima terça-feira, 4, a fim de expor a situação actual da grafia e submetidas várias resoluções de momento todos os dores terrenos.

Manipuladores de Pão. — Reuniu este sindicato com a comissão de aumentos de salário. Apreciando a moção que foi aprovada na última reunião magna, que votou a greve geral em princípio, a partir do dia 30 de Abril, caso não fossem atendidas as reclamações da classe, as quais, até hoje, estão postas de parte, tanto pelo ministério da agricultura como pelos industriais, da classe de pão, o primeiro alimento do povo.

A comissão de melhoramentos propõe contra o mau fabrico de pão, declarando que as porcarias que têm aparecido dentro do pão, não é culpa dos operários, porque são mixórdias que já veem nas farinhas da moagem, e, como as massas agora são amassadas de tamanho enorme, mal se podem volver dentro das masserias, não é fácil ver se qualquer ingrediente extranho à farinha, não devendo o público revoltar-se contra os operários, mas sim contra a moagem, única exploradora do povo e dos seus empregados. Mais avisa também a comissão que todos os caiqueiros devem abrir as padarias as seis horas, fechando às 16, sob pena de serem multados como manda a lei. Ontem, eram 19 horas, ainda havia algumas casas abertas, não tanto pôde.

Cortadores. — Reuniu a comissão de vigilância desta classe e resolveu querer respeitar a lei do horário de trabalho, em virtude das constantes reclamações que esta comissão tem tido em face do desrespeito à lei pela classe patronal, prevenindo todos os nossos camaradas e patrões que a abertura dos talhos e salsicharias é às 7 horas e o encerramento às 16, com uma hora para a refeição.

CONVOCACOES

Trabalhadores de Teatro. — Reuniu

Trabalhadores de

OURO!!

Mais barato e não se paga feitio
SÓ MILAGRE!!!
OURO

Comprem na conhecida e acreditada casa J. Paiva & Fraga
Há sempre grande sortido de cordões,
correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão
renovados com pouco feitio

4 a 12, Rua da Palma, 4 a 12
Junto à Casa das Gaiolas
TELEFONE 3676

COMPANHIA DE SEGUROS A NACIONAL

Sede na sua propriedade: AVENIDA DA LIBERDADE, 14—LISBOA

Soc. An.
de
Resp. Limitada

Fundada
em
7-4-906 191

CAPITAL
900.000\$

RESERVAS
\$62.783\$



SEGUROS SOBRE A VIDA HUMANA
e contra acidentes no trabalho, incêndios, roubos e riscos de transportes

Depósito de Materiais para Construção
e Oficina de Canteiro e Estatuária
Arcia do Alcete e Rio Sêco, cal em pó e em pedra,
manilhas de barro, telos de todas as qualidades, barro refratário,
tubos de grés, pedras de alvenaria, basalto
e vidraças para calçadas.

TELEFONE N.º 828

Casimiro José Sabido & C.ª, Irmão, L. da

Fábrica de cal, produtos cerâmicos e ladrilhos mosaicos

Cimento Portland, pozzolana dos Açores, ladrilhos de mosaico,
azulejos, cantarias da Páço de Arcos, Pólo Pinheiros, jazigos, estátuas,
xadres e mármore para móveis

150, Rua de S. Bento, 172 194

LISBOA

Cooperativa Indústria Social
(Responsabilidade limitada)

Fabricação de Ferro e outros metais—Serralharia Mecânica e Civil—Construção de máquinas a vapor e diversas—Montagem de reparações de fábricas—Cobruras metálicas—Motores hidráulicos—Colunas e vigas—Graudeamentos—Pressões hidráulicas e manuais para azeites—Máquinas Industriais e Agrícolas—Transmissões—Moinhos para farinha—Guindastes—Charras—Rebolas—Reparações em todos os géneros de máquinas—Instalações eléctricas—Reparação de vapores.

DEPÓSITOS E EXPOSIÇÃO
Escadinhias da Praia, 2 a 16
Rampa de Santos, 9 a 17

Escríptorio: Rua 24 de Julho, 64
Telefone Central 3408 (189)

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros
Grande sortimento em chapéus, lisos
e mesclas em cores lindissimas,
formatos dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole,
novo modelo americano,
muito elegante,
só na Cooperativa
A SOCIAL



Armazém e escríptorio: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1º
ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets
Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)

As valentes e peras
para a rapaziada

DISPUTAM-SE Á PANCADA

Não comprem ralçado!!!
Sem ver os nossos preços
Sempre grande exposição!!!
BARATO! BARATO! BARATO!

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa dos Empregados do "Diário de Notícias".

SAPATARIA S. ROQUE

16—Largo de S. Roque—17

Isqueiros



Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos.

No norte do País, aos Revendedores Gerais:

Alves Maedo & Borges, S. res

67, Rua do Bonjardim, 69 — PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

Nogueira Marques & C.º

Rua da Alfândega, 92 — LISBOA

sendo os preços por caixote de 3:600 caixinhas (25 grossos):

Fósforos de enxofre \$600 ou \$01 por caixinha; ditos Amorios, 72500 ou \$02; ditos de Cera Comum, 72500 ou \$02; ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de caixote), \$600 ou \$04; ditos de Cera de Luxo n.º 2 (quarto de caixote), 27500 ou \$03 por caixinha, com o desconto legal de 10%, seja qual for o número de grossos pedidos.

Quaisquer queixas acerca da demora na execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidas à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, 139 — LISBOA.

NICOLAU GOMES CORREA

Alfaiate-Mercador

Fornecedores dos Empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses, do Sul e Sueste, da Caixa dos Operários da Câmara Municipal de Lisboa e das Empresas da Fábrica de Matérias de Guerra.

Variado sortimento de lençóis para hóspedes e senhoras, pães de moda, preços limitados.

ALFAIATARIA

Especializada em fatos, sobre-tudos, casacos de senhora já confeccionados, tudo pelos figurinos da moda.

255-Rua dos Fanqueiros-255

Companhia de Papel de Gois

Ponte de Sotam-Gois

FABRICA toda a qualidade de papéis de embulho, sacos, cartuchinhos, manteiguelo, costeiros, almoços, coquilles, escrita, impressão, assetinados, capas e carta, bem como papéis de fabricação especial

Lisos e pautados

Agente e depositário geral

A. B. dos REIS

52, Cais do Sodré, Lisboa — Telefone C. 4.317
10, Rua da Nova Alfândega, Porto — Tel. 2.192

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANÔNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL

Ações 360.000\$00

Obrigações 288.630\$00

Fundo de reserva e amortizações 360.000\$00

1.008.630\$00

ESCRITÓRIOS E DEPÓSITOS

270, Rua dos Fanqueiros, 278

LISBOA

49, Rua Passos Manuel, 57

PORTO

Endereço telegráfico LISBOA e PORTO — PEAPRADO

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anônima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 13.500:000\$

Sede em Lisboa: Rua do Comércio, 148 (VULGO CAPELISTAS)

CAIXA FILIAL NO PORTO

Agências em todas as capitais dos distritos administrativos do continente e ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã e em Sestelo.

Correspondentes nas principais terras do país. Correspondentes nas Praças principais da Europa e do Brasil.

Operações: descontos, transferências, empréstimos e créditos em conta corrente, com garantias determinadas pelos seus estatutos. Compra e venda de cambiais, cartas de crédito sobre prazas estrangeiras, depósitos de dinheiro e de valores e todas as transacções que pela natureza especial da instituição lhe são permitidas.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valério, Lopes & C. L.

Telefones (central) 2778 e 3478

gramas Ferrante

Ferramental completo para todos os ofícios

Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro,

latão, zinco, chumbo e ares diversos.

Carris, vagonetes e todos os pertences de matéria

Decauville.

22, Largo de S. Julião, 23

Rua Nova do Almada, 1, 3 e 5

LISBOA